



João Breyer Jr.

“ Do Gama para Brasília  
De Brasília para o Brasil  
Do Brasil para o mundo  
Do mundo de volta para o Gama ”

*Márcio Vieites (in memoriam)*

A imagem audiovisual e cultural do Gama: um povo com memória é um povo com identidade

# A IMAGEM AUDIOVISUAL E CULTURAL DO GAMA

Um povo com memória é um povo com identidade

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

**FAC** FUNDO DE APOIO À  
CULTURA  
DO DISTRITO FEDERAL

 **fontele**  
editora

Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa



João Breyer Jr.

João Breyer Jr.

**A IMAGEM  
AUDIOVISUAL  
E CULTURAL DO  
GAMA**

Um povo com memória é um povo com identidade

© 2024 João Breyer Jr.

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Maria Félix Fontele

**COORDENAÇÃO** Gustavo Fontele Dourado

**ORGANIZAÇÃO** João Breyer Jr.

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO** Izabela Brettas

**CAPA** Izabela Brettas

**REVISÃO** Maria Félix Fontele

**PRODUÇÃO EXECUTIVA** Walter Sarça

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Breyer Jr., João

A imagem audiovisual e cultural do Gama: um povo com memória é um povo com identidade / João Breyer Jr.; organização João Breyer; coordenação Maria Félix Fontele, Gustavo Fontele Dourado. -- 1. ed. -- Gama, DF: Ed. do Autor, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-25962-8

1. Cultura e sociedade 2. Gama (DF) - Aspectos culturais 3. Gama (DF) - História 4. Linguagem audiovisual 5. Produção audiovisual I. Breyer, João. II. Fontele, Maria Félix. III. Dourado, Gustavo Fontele. IV. Título.

24-242855

CDD-306.981.74

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Gama : Distrito Federal : Cultura e sociedade :

Sociologia 306.981.74

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal



Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa



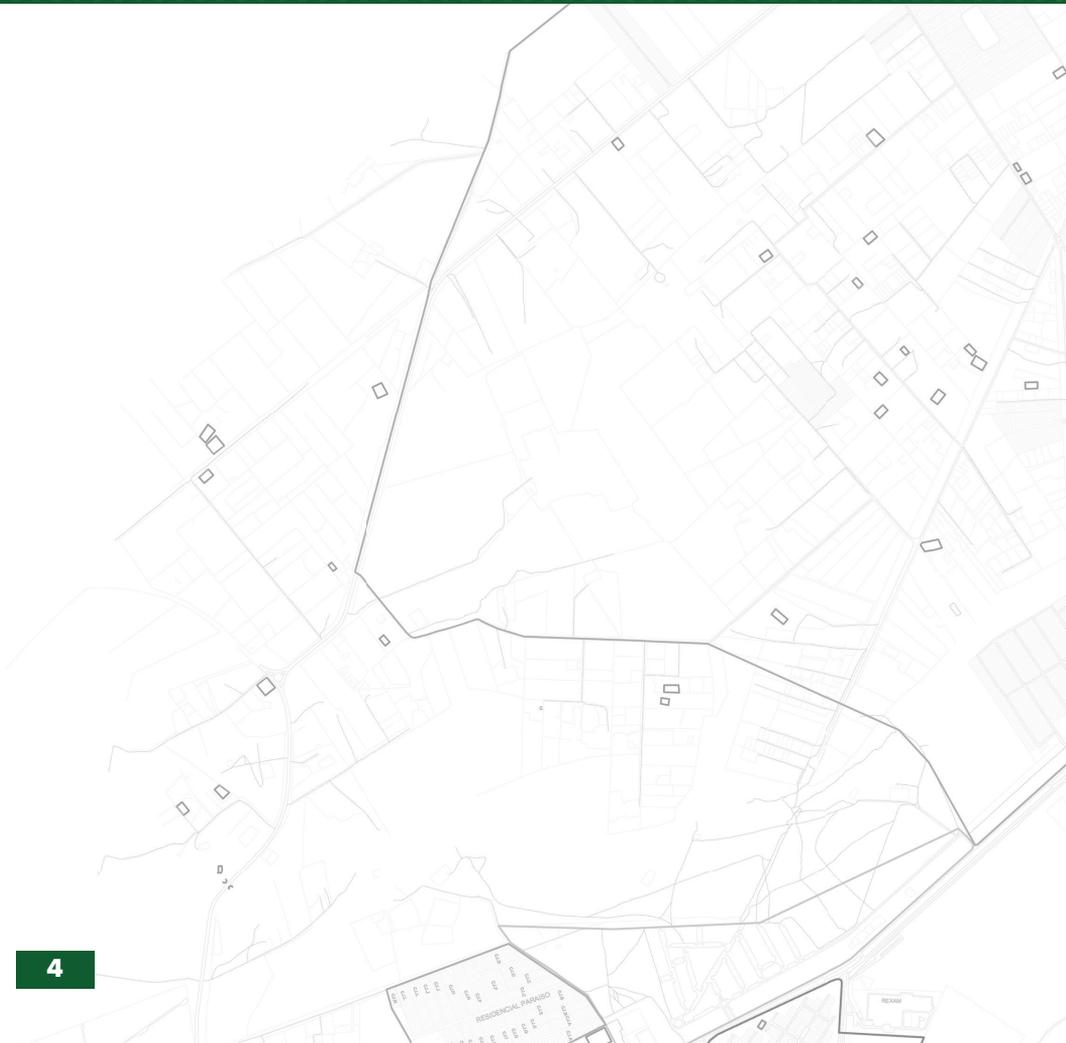
João Breyer Jr.

**A IMAGEM  
AUDIOVISUAL  
E CULTURAL DO  
GAMA**

**Um povo com memória é um povo com identidade**

**1ª EDIÇÃO**

Gama, Distrito Federal  
2024



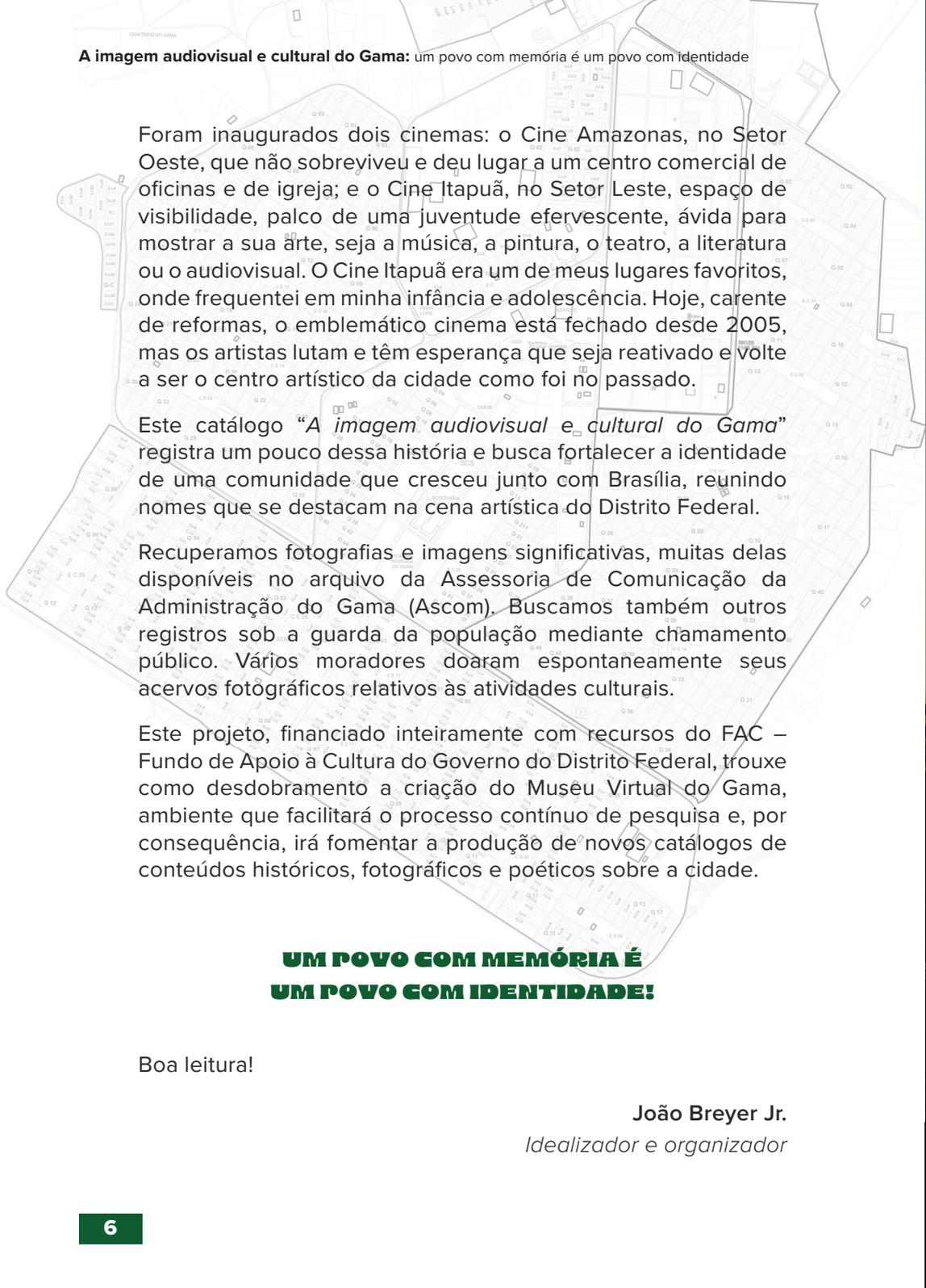
# Bem-vindos ao Gama

## APRESENTAÇÃO

Fundada em 12 de outubro de 1960, a cidade do Gama abrigou, inicialmente, candangos que trabalharam na construção de Brasília e, em seguida, famílias que moravam às margens do Lago Paranoá, a partir de 1966. Meu pai, um desses candangos, chegou na região em 1957, originário do Rio de Janeiro, e, já na década de 1960, conheceu minha mãe, proveniente da Paraíba.

Nasci em 1967 numa região aprazível do Cerrado gamense. Quando eu era criança, tudo ali era mato. E mesmo sendo o primeiro polo habitacional onde Juscelino Kubitschek pisou, somente após 1989 tornou-se Região Administrativa do Distrito Federal, com cinco e posteriormente com nove setores: Leste, Central, Industrial, Norte, Oeste, Sul, Cidade Nova (Vila DVO), Ponte Alta Sul e Ponte Alta Norte.

O Gama foi projetado para a instalação de indústrias, mas, aos poucos, tornou-se setor de moradia, com comércio, shopping inaugurado em 1997, escolas e instituições de ensino superior, proporcionando mais qualidade de vida aos habitantes. Transformações que estimularam a prática de lazer na natureza, em cachoeiras, córregos, chácaras, hotéis-fazenda, pesque-pague e em parques. Em seguida, vieram o estádio Bezerrão, construído em 1977; os bares, lanchonetes, restaurantes, cinemas e o florescimento cultural.



**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade

Foram inaugurados dois cinemas: o Cine Amazonas, no Setor Oeste, que não sobreviveu e deu lugar a um centro comercial de oficinas e de igreja; e o Cine Itapuã, no Setor Leste, espaço de visibilidade, palco de uma juventude efervescente, ávida para mostrar a sua arte, seja a música, a pintura, o teatro, a literatura ou o audiovisual. O Cine Itapuã era um de meus lugares favoritos, onde frequentei em minha infância e adolescência. Hoje, carente de reformas, o emblemático cinema está fechado desde 2005, mas os artistas lutam e têm esperança que seja reativado e volte a ser o centro artístico da cidade como foi no passado.

Este catálogo “*A imagem audiovisual e cultural do Gama*” registra um pouco dessa história e busca fortalecer a identidade de uma comunidade que cresceu junto com Brasília, reunindo nomes que se destacam na cena artística do Distrito Federal.

Recuperamos fotografias e imagens significativas, muitas delas disponíveis no arquivo da Assessoria de Comunicação da Administração do Gama (Ascom). Buscamos também outros registros sob a guarda da população mediante chamamento público. Vários moradores doaram espontaneamente seus acervos fotográficos relativos às atividades culturais.

Este projeto, financiado inteiramente com recursos do FAC – Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal, trouxe como desdobramento a criação do Museu Virtual do Gama, ambiente que facilitará o processo contínuo de pesquisa e, por consequência, irá fomentar a produção de novos catálogos de conteúdos históricos, fotográficos e poéticos sobre a cidade.

**UM POVO COM MEMÓRIA É  
UM POVO COM IDENTIDADE!**

Boa leitura!

**João Breyer Jr.**

*Idealizador e organizador*



Pôr do sol no Parque Ecológico do Gama. Foto: @retratos\_da\_rafiula

# SUMÁRIO

# ARTISTAS

- 15** Afonso Brazza
- 19** Agilson Alcântara
- 23** Alan Fialho
- 27** Arlene Muniz
- 31** Carla Geórgia
- 35** Cláudia Martins
- 39** Cleyson Batah
- 43** Geovane Batista
- 47** Gilmar Batista
- 51** Ian Harun
- 55** Jairo Mendonça
- 59** José Garcia Caianno (Dedé)
- 63** Juarez Leite
- 67** Laércio Nicolau
- 71** Leda Carneiro e Silva
- 75** Lúcia Correa
- 79** Michel Glauber
- 83** Paulo Flores
- 87** Rock Lane
- 91** Rogério Cunha
- 95** Wagner Santos
- 99** Walter Sarça

# **BANDAS, COMPANHIAS E ESPAÇOS**

- 105** Bagagem Cia de Bonecos
- 111** Banda Alarme
- 115** Cálida Essência
- 119** Cia Pilombetagem
- 123** Cia Voar - Arte Para Infância e Juventude
- 127** Cine Itapuã
- 133** Espaço Semente
- 139** Grito Periférico
- 143** Mendigos de Gravata

## OPINIÕES

**150** O GAMA E A CULTURA

*Juan Ricthelly*

**152** O CINE ITAPUÃ E A GRANDE DESCOBERTA

*Lelé Teles*

**154** ARTE E URBANIZAÇÃO

*Rock Lane*

**156** ARTE, PALAVRA-CHAVE

*Walter Sarça*

## MAIS UMAS PALAVRAS

**160** OS FAZEDORES DE CULTURA

*João Breyer Jr.*



**ARTISTAS**



# AFONSO BRAZZA

(In memoriam)

José Afonso dos Santos Filho, nascido em 1955 em São João do Piauí, tornou-se Afonso Brazza nas telas do cinema. Seus pais migraram para o Gama em 1964. Em 1969, aos 12 anos de idade, mudou-se para São Paulo e lá conheceu José Mojica Marins, o Zé do Caixão, que o integrou ao meio cinematográfico. Logo, começou a frequentar a Boca do Lixo, polo de cinema em ebulição, onde participou de produções e se distinguiu entre atores e diretores da época, ganhando os apelidos de “Brasília”, depois “Brasinha” e por fim “Brazza”.

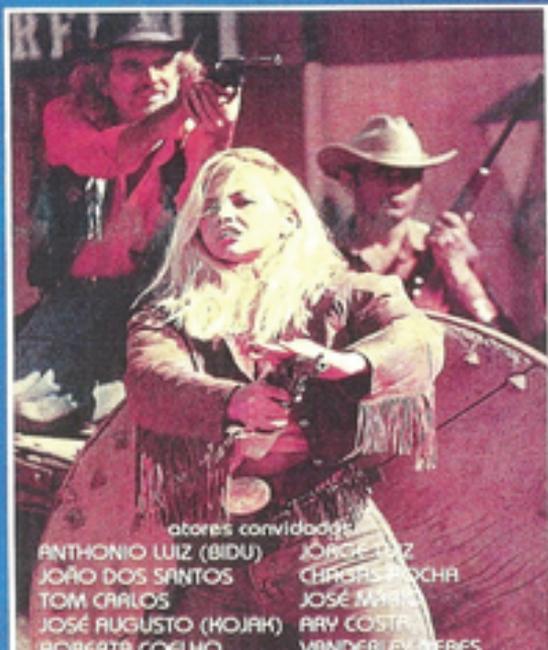
Já adulto, com vasta experiência profissional e casado com a atriz Claudete Joubert, ele retorna ao Gama e passa a dividir suas atividades entre as profissões de bombeiro e de cineasta. Em 1993, o casal lança o filme *Inferno no Gama*, em precárias condições orçamentárias. Ao longo de sua carreira, participou de oito produções como diretor e de 13 como ator, sendo que o filme *Tortura Selvagem* foi o que captou mais recursos e bateu recorde de público com a venda de mais de dois mil ingressos em quatro semanas de exibição.

Brazza era um visionário, um apaixonado por cinema. Sonhava em convidar Sylvester Stallone para protagonizar um de seus filmes. Mas, ao longo de sua carreira, acabou se tornando ele mesmo o super-herói de suas produções.

O ator e diretor faleceu em julho de 2003, aos 48 anos, vítima de um câncer de esôfago. Deixou uma legião de fãs e uma obra farta, considerada trash, mas que hoje ganha contornos de *cult*.

AFONSO BRAZZA - com CLAUDETTE JOUBERT

# GRINGO NÃO PERDOA, MATA



atores convidados:

ANTONIO LUIZ (BIDU)	JORGE LUZ
JOÃO DOS SANTOS	CHIRRAS POCHA
TOM CARLOS	JOSÉ MARIL
JOSÉ AUGUSTO (HOJAH)	RAY COSTA
ROBERTA COELHO	WANDERLEY FERES

# SANTHION NUNCA MORRE



TORTURA SELVAGEM

# A GRADE

## FUGA SEM DESTINO

16 DE JUNHO  
21H | CINE BRASÍLIA

Exibição do último filme do falecido  
bombeiro e cineasta Afonso Brazza  
em película 35mm, som SR digital.



Fonte: [www.metropoles.com/afonso-brazza](http://www.metropoles.com/afonso-brazza)

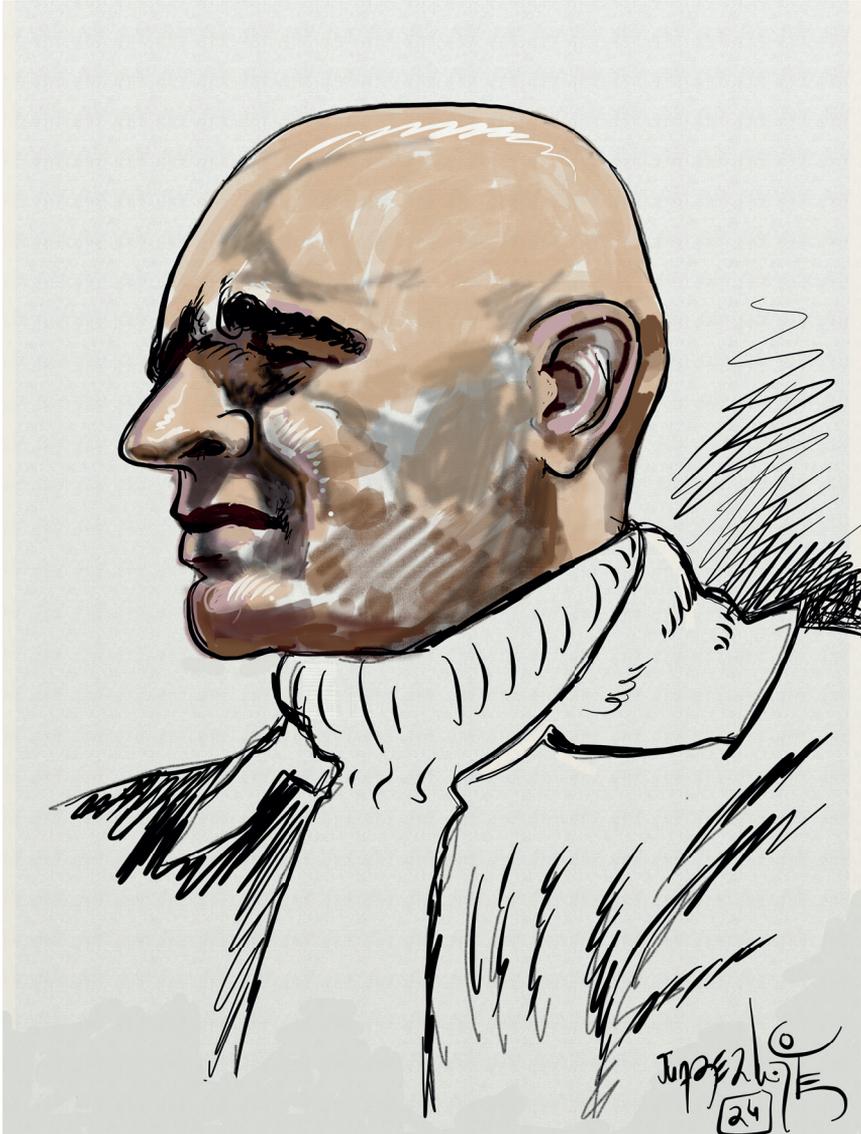


Ilustração: Juarez Leite



# AGILSON ALCÂNTARA

Agilson Alcântara é violonista popular, compositor, arranjador e diretor musical. Ingressou na Escola de Música de Brasília em 1991 e, a partir daí, seguiu uma trajetória artística vitoriosa. Em 1995, sua composição *Canção Morena*, feita em parceria com Pece Sanvaz, ganhou, no XV Festival de Música do Gama, os prêmios de melhor música, melhor arranjo e melhor intérprete, e ainda o do Júri Popular.

Músico profissional desde 1993, acompanhou vários artistas de outros estados e da cidade em seus shows, entre eles, Thelma Fonseca, Clodo Ferreira, Roberto Menescal, Vânia Bastos, Fausto Nilo, Indiana, Sandra Duailibe, Pecê Sousa, Goya, Carlinhos Piauí, Cely Curado, Nilson Lima, Toninho Alves, Salomão di Pádua, Antenor Bogéa, Anna Borges, Rosane Maia, Sérgio Moraes, Márcio Bezerra, Marcos Farias, Mirla Muniz, Jô Alencar, André 14 Voltas, Célia Porto, Leonel Laterza, Yara Gambirasio, Adriano Rocha e José Cabrera.

Entre 2006 e 2007, foi professor de violão popular na escola Tupiniquim Musical. No Sesi-DF, de 1995 a 2011, lecionou violão e matérias de prática de conjunto e teoria musical. De 2001 a 2005 e também em 2024, foi professor da Escola de Música de Brasília com contrato temporário. Atuou também na Escola do Choro como professor substituto. É integrante da Orquestra de Violões de Brasília, com a gravação de dois CDs. E instrumentista em discos de vários cantores do DF. Desde 2013, Agilson Alcântara é arranjador, diretor musical e violonista/guitarrista do projeto Sesc Seresta.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Foto: arquivo pessoal/divulgação



# ALAN FIALHO

Alan Rogério Ribeiro Fialho nasceu em 1957 no município de Barra do Corda, Maranhão. Em 1959, seus pais mudaram-se para Anápolis, em Goiás e, em seguida, para Brasília. Seu pai trabalhou na estruturação do Jardim Zoológico e na construção de granjas na capital. A família se estabeleceu na Ponte Alta e posteriormente mudou-se para o Setor Oeste do Gama.

Alan aprendeu a ler sozinho e, em 1964, iniciou seus estudos na Escola Classe 02 do Setor Oeste do Gama. Passou a infância a brincar pelos arredores do Cerrado rico em cachoeiras, riachos e fauna típica da região, de onde vem a sua paixão incondicional pela defesa do meio ambiente. Aos vinte anos, apaixonou-se pela música e começou a estudar os acordes, ao mesmo tempo em que mantinha contato com os artistas do Gama, entre eles Carlinhos Piauí, que se tornou parceiro na música *Grande Circular*; e Jorge Ghezze, na composição *Mais um Cais*.

Logo aprendeu a tocar guitarra e violão, apresentando-se em bandas, entre elas *Subsolo*, *Cizânia* e *Dentes de Sabre*. Já se apresentou no *Quintal do Nego*, *Cia Lábios da Lua*, *Akasa de Ghezze*, *Casa da Essência* e na *Feira Popular do Setor Oeste do Gama*. Atualmente, Alan toca com a *BandAlheira*, integrada por André Brandão (violão, guitarra solo), Antenor Xavier (baixo, guitarra), Carlos Bispo (base, baixo, bateria cajon), Lana Fialho (vocalista, teclados), Martin Raggi (baixo, guitarra e bateria), Martinha (vocalista) e Rodrigo Engel (guitarra, baixo e vocal).

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação

# Terreiro Kultural AKasaD'Ghezô

 sexta-feira, 26/07 20h

 Lago Azul ☆ Goiás ☆ Brasil

## Band Alheira





## ARLENE MUNIZ

Natural do município de Nova Canaã (Bahia), Arlene Muniz mudou-se para Brasília com seus pais em 1960, em busca de melhores oportunidades de vida. A família instalou-se e se fixou na cidade do Gama. Arlene se considera “baiana com orgulho e brasiliense por amor”. cursou Educação Artística e Pedagogia. Fez pós-graduação em Administração Escolar e em Artes Visuais, e hoje é professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Como pedagoga, coordenou os professores de alunos surdos por quase 30 anos, desenvolvendo projetos que proporcionassem acessibilidade por meio de materiais em Libras e em Braille. Foi a primeira professora de Libras da cidade do Gama. É escritora, cordelista, xilógrafa, artista plástica e artesã. É autora de treze folhetos de cordel. Integra a coletânea *Paulo Freire em seu Centenário*, publicada pelo Sinpro-DF em 2021. Participou de oito coletâneas e antologias.

Em 2022, começou a escrever histórias para o público infantil inclusivo. O seu primeiro livro, *O Meguinho Sapeca*, foi publicado com algumas palavras em Libras e versão em Braille. Já contou a história desse livro em 96 escolas, instituições e em bienais e feiras do livro. É membro da Academia Inclusiva de Autores Brasilienses (AIAB), do Coletivo Cultural Cordeliando, e vice-presidente da Academia Gamense de Letras (AGL). Participou do Movimento Afrodescendente de Brasília, produzindo shows, desfiles, exposições educativas e culturais.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação





# CARLA GEÓRGIA

Carla Geórgia de Freitas Queiroz nasceu em 13 de novembro de 1976 na cidade de Matinhas, na Paraíba, filha de uma professora e de um comerciante. A família mudou-se para o Gama quando ela tinha três anos de idade. Cresceu dentro do Bar e Merceria Cantinho da Saudade, rodeada de livros e de uma grande diversidade musical o que a tornou apaixonada pela arte em todas as suas formas.

Mãe, feminista e professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal desde 1994, Carla defende a aplicação das artes na escola como forma de expandir a criatividade e contribuir para o crescimento cognitivo dos alunos.

O seu amor pela arte a levou, em 2014, a investir na carreira de produtora cultural e, assim, começou a fazer produção para o músico Negodai do Gama. Juntos, fundaram a Negodai Produções e realizaram eventos autorais na cidade.

Em janeiro de 2022, fundou a Carla Geórgia Produções, ganhando projeção na realização de eventos, com destaque para os com o foco no combate à violência contra as mulheres. Além disso, produz o projeto de circulação *Banca dos Poetas* desde 2001, promovendo a leitura e a transformação social.

É escritora do blog Borboletas no Estômago. Em 2024, foi a candidata mais votada para presidente do Conselho de Cultura do Gama, procurando sempre fortalecer a cadeia da economia criativa. Carla pertence ainda à Academia Gamense de Letras (AGL), à União Brasileira de Mulheres (UBM) e ao Levante Feminista.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



# CLÁUDIA MARTINS

Cláudia Martins é estudante de Letras, poeta, atriz, educadora social e contadora de histórias. Nasceu no Gama em 1987, filha de pai cearense e mãe tocaninense. Na adolescência, participou das primeiras oficinas de teatro, algumas de palhaçaria e circo, realizadas na lendária praça do Cine Itapuã, onde conheceu a cena cultural gamense e seus protagonistas. Para ela, falar do Gama é falar de seu quintal, cidade onde se fez artista e cria os seus filhos.

Em 2009, na faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Brasília, entrou para o programa de arte e educação, integrando-se às oficinas ministradas pelo Coletivo Invenção Brasileira; ao mesmo tempo em que fazia vivências artísticas na ocupação Mercado Sul de Taguatinga.

A artista trabalhou na escola CAIC do Gama Oeste, de 2009 a 2011, onde floresceu sua paixão pela contação de histórias para crianças do ensino integral e da rede pública. Em agosto de 2022, teve participação no *Sarau Agosto Lilás*, de combate e enfrentamento a violência contra a mulher, na Feira Permanente do Gama, e, junto com as participantes, fundou o coletivo *Mulheres em Cena*.

Cláudia é presença marcante em saraus poéticos, em projetos artísticos e sociais. Em escolas da rede pública, ela tem levado sempre a sua personagem carismática, a Frô. Atua no Grupo de Teatro do Detran, participou do *1º Sarau de Mulheres do Gama* e do projeto *Rap e Repente nas Escolas*. E integra a coletânea independente *Entre Nós*.





Foto: arquivo pessoal/divulgação



# CLEYSON BATAH

Cleyson Batah é cantor, compositor, pesquisador musical, possuindo em seu vasto repertório composições autorais e o que há de melhor na Música Popular Brasileira (MPB). O artista brasiliense, morador do Gama desde os primeiros anos de infância, costuma resgatar canções esquecidas do cancionero popular. Há cerca de dez anos, apresenta o projeto *Cantando e Contando a Música Popular Brasileira* em teatros, bares e escolas públicas.

Em 2015, lançou o CD *Qualquer Tom*, com criações próprias e de alguns amigos compositores. Em 2018, gravou duas faixas no CD *Noutros Cantos*, do poeta Paulim de Dolinda.

É presença constante em shows, festivais, prêmios e em eventos temáticos. Em 1995, iniciou seu percurso no Festival Interno do Centro de Ensino Médio (CEM 03) do Gama, alcançando o terceiro lugar. Em 2006 e em 2013, ficou entre os finalistas do Prêmio SESC de Música, com as canções intituladas *Pra todo mundo ver* e *Qualquer Tom*, respectivamente. Também foi semifinalista do Festival de Música da Rádio Nacional, em 2013, com *A brita*; entre tantas outras participações bem-sucedidas em concursos musicais.

Cleyson Batah ganhou grande visibilidade após fazer as aberturas dos shows icônicos do maestro Arthur Moreira Lima (1997) e dos cantores Alceu Valença e Geraldo Azevedo, no Baile da Cidade (2009). Outras apresentações importantes: *Gama contra o Crack* (2011), *Festa da Consciência Negra* (2011) e *Projeto Arte nas Feiras do Gama*.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



# GEOVANE BATISTA

Quando o assunto é produção cultural, surge logo o nome de Geovane Batista dos Santos, natural de Imperatriz, Maranhão, morador do Gama há 49 anos. Quando estudava no CEM 02, criou o grupo ambiental Flor de Lis, dedicado ao plantio de árvores e preservação ambiental. Tem orgulho de dizer que trabalhou no Parque Ecológico do Gama, hoje Parque Distrital. Na ocasião, garantiu o levantamento pedológico, de fauna e flora de todo o parque, e o aumento do tamanho de sua área, ações viabilizadas quando integrava a Comissão de Defesa do Meio Ambiente do Gama (Condema).

Sua formação superior não poderia ser outra: cursou Gestão Ambiental, com especialização em Perícia Ambiental e em Turismo. Como professor contratado do Instituto Federal de Brasília, lecionou em várias escolas abordando temas relacionados ao meio ambiente.

Geovane atua, desde 1992, como idealizador, produtor e executor de projetos, envolvendo temáticas que promovam a paz, a inclusão, a tolerância, a ecologia, a economia criativa, a geração de renda e de oportunidades para os artistas. É o atual presidente da *Companhia Lábios da Lua*, instituição integrada por produtores culturais, artistas e professores.

Idealizou e executou mais de cem projetos, entre eles o *Festival Multicultural Vila Sarrafo*, *Gama Vida e Arte*, *12 Horas de Rock*, *Moto Rock*, *Festival Forreggae*, *Rock contra a Zica*; dezenas de shows, oficinas, eventos ambientais, em busca de oferecer arte e mostrar que a paz no mundo é possível.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Foto: arquivo pessoal/divulgação



# GILMAR BATISTA

Gilmar Batista possui extensa trajetória na área cultural, com atuações destacadas, em especial na música, produção cultural e na literatura. É professor de literatura, escalada, violão popular e ukulele, e membro fundador da Academia Gamense de Letras (AGL). Sua formação musical inclui estudos autodidatas, cursos na Escola de Música de Brasília e participações em coros e em congressos culturais.

Em 1984, fundou no Gama a lendária Banda ARD, à qual já expandiu seus horizontes ao participar de turnês internacionais, em 2017, 2018 e 2024, apresentando-se em shows na Rússia, Finlândia, Suécia, Mongólia, República Tcheca, Estônia e Dinamarca, cujas composições autorais abordaram temas caros à humanidade como crimes de guerra e saúde mental.

A ARD é integrada hoje pelos músicos Gilmar Batista (baixo e vocal), Sávio Américo (guitarra e vocal) e Marcus Guerra (bateria). Com seus 40 anos de existência, a banda já lançou diversos discos, sempre levando o seu rock intenso e inconformista, sendo a primeira do Centro-Oeste a gravar um LP com música estilo *hardcore punk*.

Gilmar Batista produz turnês de bandas nacionais e internacionais, coordena festivais, shows e participa como jurado em eventos musicais. É gerente voluntário na *Companhia Lábios da Lua*, no Gama. Em 2019, atuou como produtor executivo no projeto *Hard Chaos — 40 Anos de Punk*. Também coordenou palcos no *Festival Moto Rock*, no Gama, e no *Cena Contemporânea*, entre 2016 e 2023.



Foto: arquivo pessoal/divulgação

JOÃO F.



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



## IAN HARUN

Nascido e criado na cidade do Gama, Ian Harun Nascimento Santos é exemplo de superação de vida. A deficiência visual (baixa visão) não o impediu de trilhar o caminho da arte. E hoje, aos 33 anos, acumula vitórias. É consultor em acessibilidade para projetos culturais, desenhista, pintor, cantor, compositor, guitarrista, baterista, flautista transversal e violonista.

Estudou guitarra na Escola de Música de Brasília e também no Instituto GTR de Música. Fez parte do projeto *Tocando em Frente*, do Programa de Profissionalização Músico Prático em Música Popular Brasileira, nas disciplinas violão e produção de espetáculos musicais. Faz o Curso de Processos Fonográficos na Escola de Música de Brasília. É filiado à Associação Brasileira de Música e Artes.

Iniciou a carreira aos 13 anos, ao se apresentar pela primeira vez na banda Flegeton, em Luziânia, tocando baixo. Aos 15, fundou as bandas *The Wizards* e *Velhos Deuses*, em parceria com seu irmão Yohannan Tomas, também deficiente visual. Tocou em bandas autorais e cover, entre elas *The Wizards* (guitarra e voz); *Born Again* (voz e guitarra); *Harum* (compositor, voz e guitarra) e *Asteroide Lisérgico* (compositor, voz, guitarra e flauta transversal).

Atualmente, Ian mora no Riacho Fundo I, onde guarda sua extensa produção de quadros. Continua a participar de projetos voltados para pessoas com deficiência visual, e trabalha na *Cia de Circo e Teatro Sagrado Riso* como ilustrador, músico e ator.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação





# JAIRO MENDONÇA

Jairo Mendonça nasceu às margens do rio Tocantins, em um ambiente musical cercado de manifestações culturais populares, como as festas do Divino Espírito Santo, de Santo Reis e dos desafios de repentistas. No início da década de 1990, mudou-se para a cidade do Gama e começou a estudar violão na Escola de Música de Brasília. Não demorou muito para inscrever suas composições em festivais de música pelo Brasil afora, sendo premiado em vários deles.

Hoje, ele se apresenta como professor, poeta, músico, compositor e parceiro de Carlinhos Piauí, Luth Peixoto, Paulim Diolinda e Zemiguel Rodrigues. Em 2018, lançou um CD solo intitulado *Pentagrama da Vida*, produzido pelo maestro Marcos Farias. E agora está empenhado na produção de um novo trabalho (*Onde nascem as canções*) em parceria com Zemiguel Rodrigues e Luth Peixoto. Seu repertório fundamenta-se em criações que falam de um mundo mais justo e humano.

O artista já dividiu palcos com Geraldo Azevedo, quando o músico fez um show em Brasília, em 2010, no tradicional baile da cidade do Gama. Durante sua trajetória, tem participado de projetos culturais, entre eles de um CD coletivo patrocinado pelo Sinpro-DF com composições sobre sustentabilidade e a luta dos professores pela valorização da educação.

Atualmente, Jairo Mendonça se apresenta também nos formatos de voz, violão e viola caipira em teatros, bares, eventos culturais e em escolas, levando o melhor da MPB e suas canções autorais.



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Foto: arquivo pessoal/divulgação



# JOSÉ GARCIA CAIANNI (DEDÉ)

José Gomes Garcia, popularmente conhecido como José Garcia Caianno, ou simplesmente Dedé, é orador, pesquisador da cultura popular, ator, poeta, palestrante e ambientalista. É o idealizador, diretor e produtor da *Banca de Poetas* e da *Casa de Aprendizagem Solo Cerrado*. Nasceu em 14 de novembro de 1954, às margens do Rio Paranaíba, em Goiás. Mudou-se para Brasília em 1968 e atualmente reside no Gama.

Em 1975, iniciou sua carreira artística desenvolvendo trabalhos de pesquisa cultural em viagens realizadas entre Brasília, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Rondônia, quando manteve contato com a diversidade regional. De lá para cá, foi produtor artístico do programa de TV *Ao som da viola*, em 1979. Em 1995, idealizou e produziu o movimento *Adote uma Cachoeira*, ocasião em que exercia o cargo de Chefe da Seção da Administração de Parques. No programa *Revista Brasil da Rádio Nacional*, produziu o *Sarau Nacional Banca de Poetas*, de 2017 a 2018.

O artista destaca que o *Teatro Literário Banca de Poetas* incentiva o ator a ir às ruas em busca de seu público, cumprindo plenamente sua função sociocultural. O prolífero Dedé produziu diversos projetos ao longo de sua carreira, entre eles o *Corporema*, formando uma geração de artistas. É membro fundador da Academia Gamense de Letras (AGL) e membro efetivo do Fórum de Cultura e Fórum de Meio Ambiente do DF. Participa de feiras de livro, festivais de cultura popular de teatro e de cinema.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: Wagner Santos.



Foto: arquivo pessoal/divulgação



## JUAREZ LEITE

Juarez Leite iniciou sua carreira artística no Gama na década de 90, aplicando a multilinguagem. Em 1978, fez parte da 1ª Coletiva de Artes Plásticas no Centro de Criatividade da 508 Sul, hoje Espaço Cultural Renato Russo. Em 1980, cursou Artes Aplicadas no *Art Belle Atelier*, em Brasília. A partir de 1989, participou de todas as edições do *Verão Cultural* no Park Shopping DF. Entre 1992 e 1994, ofereceu oficinas de desenho livre no Sesi Gama e no Sesc Gama.

Em 2010, expôs no 1º Salão de Artes Visuais das Regiões Administrativas do DF. Participou de feiras de artes visuais no Gama e de salões de artes plásticas nas cidades-satélites. Realizou exposições individuais e coletivas, recebendo menção honrosa em quatro oportunidades, uma delas verbalmente do artista Athos Bulcão.

Além de lecionar em escolas e faculdades particulares, Juarez foi servidor da Secretaria de Educação do Distrito Federal por 30 anos, atuando como professor de Educação Artística e na área de inclusão para alunos surdos. E ainda desenvolveu projetos relacionados a temas afro-brasileiros e questões ambientais.

Ilustrou quase duas dezenas de livros. Atuou como curador de artes visuais dos projetos *Voar*, na Biblioteca Demonstrativa; e *Artes Visuais*, na Galeria Lábios da Lua/Gama. Foi premiado em primeiro lugar no 1º Salão de Humor Gráfico de Brasília. Em 2013, durante 30 dias, fez caricaturas com iPad ao vivo no *Cirque du Soleil*, ao lado do cartunista Mosa.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade

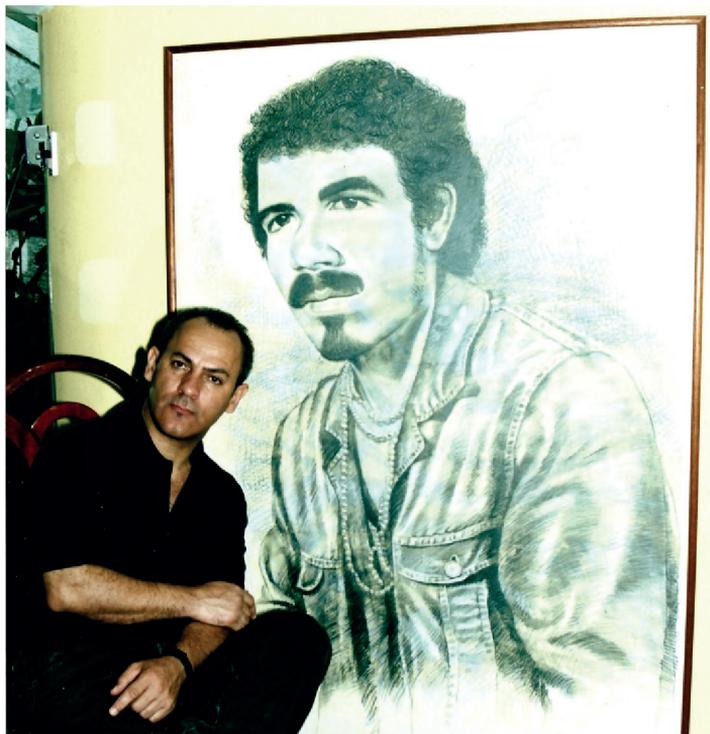


Foto: arquivo pessoal/divulgação



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



# LAÉRCIO NICOLAU

Laércio Nicolau nasceu no Gama em 1978 e iniciou sua carreira artística na década de 1990. Aos 12 anos, já participava de oficinas de poesia, de música, de teatro e de artes visuais. É formado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB/Ida), onde desenvolveu pesquisas sobre temas relacionados ao circo e educação. É educador social na Secretaria de Desenvolvimento Social do DF.

Laércio participou das companhias de teatro *Mistura Íntima* (1996) e *Voar Teatro de Bonecos* (2003). Se apresenta como ator, diretor de teatro, performer e poeta, com participações em montagens de artes cênicas, cinema e em saraus de poesia. Em 2006, fez performances como palhaço na Copa do Mundo de Futebol na Alemanha.

É fundador da Trupe *Cabeza de Satélite*, núcleo de pesquisas e de experimentações cênicas que apresenta nas ruas o espetáculo *Medusa*, quando aborda a temática do uso de drogas e suas mazelas na sociedade. Esse projeto contou com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC/DF) na edição de 2015.

Desde 2010, o artista dedica-se à divulgação de sua poesia e das outras artes no blog *Ciclosia* ([www.ciclosia.blogspot.com.br](http://www.ciclosia.blogspot.com.br)) e em intervenções poéticas no meio urbano. Em 2020, lançou o livro *Da Várzea* (Avá Editora). É membro fundador do *Sarau do Mundo*. Em 2024, realizou uma instalação poética com duração de 12 horas, em prol da revitalização do Cine Itapuã do Gama. Laércio é membro da Academia Gamense de Letras.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação

Têxtil  
...NOS SEGREDOS, NO ÍNFIMO BEIJO  
LI TEU CHEIRO IMPREGNADO NUM TECIDO  
E TUAS FIBRAS FINAS NÃO SACIAVAM MEUS DESEJOS

TODO O MUNDO DESPE-SE,  
COM <sup>S</sup> DESEJOS SECRETOS  
TODO CERNE TREME...

Comungo Com os Pássaros  
Não Pouso Alegre  
Vôo Triste.

...Uma vez na asa da borboleta  
- sem filtros, seta ou intermediário -  
vi teu rosto como num milagre, lembra...  
Laercio Nicolau



## LEDA GARNEIRO E SILVA

Nasceu em Brasília e mora no Gama. É licenciada em Pedagogia e Artes Plásticas e hoje é professora aposentada da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

No final dos anos 80, começou a atuar no teatro da Escola Polo de Arte Cênica, no antigo Centro Educacional (CED 02), hoje Centro de Ensino Médio (CEM 02). Ali, conheceu também o trabalho profissional, quando o grupo que ela fazia parte foi contratado pelo Projeto Plateia. Durante dez anos, participou do *Mistura Íntima Dell'Arte*.

Leda integra o *Bagagem Cia de Bonecos*, onde atua como gestora cultural, atriz/bonequeira, escritora de roteiros e de adaptações para montagens. É membro fundadora da Cooperativa Brasiliense de Teatro e Circo e membro da Associação Candanga de Teatro de Bonecos (ACTB) filiada à ABTB/Unima (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos/Union Internationale de la Marionnette). Foi presidente da ACTB, de 2002 a 2004. É conselheira Regional de Cultura (mandato de 2024 a 2027).

A artista representou Brasília no Encontro Nacional de Teatro de Bonecos em 2000, no Rio de Janeiro; e no XIX Congresso da ABTB/Unima Brasil, em 2009, em Curitiba. Representou o Gama na 3ª Conferência Regional de Cultura do DF de 2011. E, em 2024, na 6ª Conferência Distrital de Cultura, quando foi eleita delegada suplente para a 4ª Conferência Nacional de Cultura de 2024. Foi homenageada no 75º Cometa Cenas (Ida/ UnB) que celebrou a trajetória de mulheres artistas do DF.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação





# LÚCIA CORREA

Lúcia Corrêa é atriz, manipuladora de bonecos, audiodescritora, arte-educadora, produtora cultural e brincante. Nasceu e cresceu na cidade do Gama, onde conheceu o teatro aos 12 anos, ao frequentar a escola polo de artes cênicas do Centro Educacional (CED 02). Aos 15 anos, estreou a sua primeira peça no Teatro Galpão, hoje conhecido como Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul.

Fez vários cursos, oficinas e workshops nas áreas de teatro, música, circo, dança e teatro de bonecos e, em 2008, formou-se em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Foi professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal por 14 anos, período em que lecionou a disciplina Teatro para estudantes do ensino fundamental e do ensino médio do Plano Piloto e do Gama. Hoje, realiza pesquisas no âmbito da acessibilidade cultural e trabalha há seis anos como audiodescritora.

Em 2007, Lúcia entrou para o grupo *Voar Teatro de Bonecos*, permanecendo por mais de uma década, levando espetáculos pelos estados brasileiros e fora do país, ao mesmo tempo em que ganhava prêmios em festivais, sendo também contemplada em editais do FAC/DF.

Para festejar os seus 40 anos de trajetória, criou recentemente o espetáculo *O despertar de Maricotinha*, o qual, segundo ela, traduz sua essência como artista. Atualmente, a talentosa atriz trabalha de forma independente, realizando seus espetáculos e vivendo completamente da arte.



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



# MICHEL GLAUBER

Nascido em 1988, em uma família de músicos e produtores, Michel Glauber é cantor, compositor, produtor cultural no Gama e multi-instrumentista. Nos primeiros anos de vida, começou a produzir eventos e a compor músicas, ao mesmo tempo em que participava de corais. Em 2015, fundou a banda de rock experimental *Nume Consense*, conhecida por abordar temas reflexivos como autismo, análises freudianas e a superficialidade humana.

Liderada por Michel (vocalista e guitarrista), a *Nume* é integrada também pelos músicos Asaf Nunes (guitarrista), Patrick Leite (baixo) e Alberto Guido (bateria). O grupo teve shows transmitidos pelo canal Multishow e dividiu o palco com o Rappa, Pitty, Pato Fu, Supla e outros. Atualmente, se prepara para turnê internacional, com o apoio do selo da A&R Alto Volume by Sony Music.

Michel fundou, em 2008, o *Festival Backbone*, tendo como produtora a artista Erylin Gabryella, que já se apresentou no Teatro Nacional e em shows com as coreógrafas da Beyoncé. O *Backbone* se consagrou como o maior festival underground do Gama, levando a banda de hardcore Dead Fish em uma de suas edições. O festival tem ainda desfile pet, feira de adoção, artesanato, gastronomia e cultura geek.

Formado em Tecnologia da Informação, com artigos publicados sobre o tema, apresentação de palestras em instituições como a Nasa, e desenvolvimento de plataformas culturais, Michel tem recebido prêmios pelas inovações promovidas na arte e na tecnologia.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação



# NUME CONSENSE

Foto: arquivo pessoal/divulgação



# PAULO FLORES

Amante de uma arquitetura com responsabilidade sustentável e apreciador de projetos minimalistas e econômicos, o arquiteto e urbanista Paulo Flores sempre dá um toque artístico às suas criações desenhadas em seu escritório instalado no Setor Leste da cidade do Gama, sua terra natal, nascido ali em 19 de maio de 1968, na parte Oeste. Para ele, o local em que nasceu é mágico uma vez que as linhas do horizonte e o pôr do sol se encontraram muitas vezes com os seus sonhos de juventude.

Desde cedo, a vida escolar em instituições públicas alimentou seu apreço pelas artes, uma chama que nunca se apagou. A serigrafia foi sua primeira incursão no mundo profissional, cuja técnica exige precisão e paciência.

Mas foi durante um curso no Senai, de formação para mecânicos, que ele descobriu sua verdadeira paixão: o desenho técnico. A exatidão das linhas e a clareza dos planos falavam diretamente ao seu coração. Assim, fez o curso de desenho arquitetônico, e, a partir dali, percebeu que seu destino era moldar não apenas papel, mas o espaço e a vida das pessoas.

Hoje, Paulo Flores projeta moradias no Gama com o foco em edificações modernas e econômicas. De acordo com ele, arquitetura e sustentabilidade são temas que casam muito bem com economia, agregando valor à obra e contribuindo para a preservação do meio ambiente. E, assim, cada projeto é uma nova página na história de sua vida dedicada à arte de construir.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Foto: arquivo pessoal/divulgação



## ROCK LANE

Arquiteto, urbanista, pintor, desenhista e autodidata, o multiartista Rock Lane Fonseca Alves nasceu em 22 de novembro de 1958 em Caratinga (MG), e mora no Gama desde 1964. No Distrito Federal, formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB) e aprimorou-se como pintor e desenhista.

Participou de diversas exposições, destacando-se no II Encontro dos Artistas Plásticos de Brasília, em 1974, organizado pela Fundação Cultural do Distrito Federal; e no II Encontro de Arte Contemporânea do Centro-Oeste, em 1982, promovido pela Funarte, em Brasília.

Ao longo de sua carreira, Rock Lane recebeu várias premiações, entre elas, o *Prêmio de Aquisição em Pintura no XV Salão de Arte Jovem de Santos*, em 1988; e, em 1991, ganhou o *Excellence Award in the 2nd Postage Stamp Design Contest* em Tóquio, Japão, na categoria de pintura. Na categoria de desenho, foi premiado em 1995 com o *Sandro Carlesso Prize*, em Marostica, Itália. Recebeu também uma *Citation for Excellence no Ranan Lurie Political Cartoon Award*, em 2008, em Nova York. Em 2015, foi laureado com o *Golden Prize no China in the Eyes of Foreign Cartoon Artists*.

Autor de vasta criação, de quadros, ilustrações, charges, cartuns e pinturas, acumulando vários prêmios e menções honrosas, Rock Lane se prepara agora para o seu mais novo desafio: vai cursar Engenharia da Computação na UnB, após passar em primeiro lugar no vestibular.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação





# ROGÉRIO CUNHA

Rogério Pereira da Cunha nasceu em abril de 1977, filho de mineiros que vieram para construção de Brasília e se instalaram no Gama. Até hoje, ele mora na cidade, onde iniciou a sua carreira artística em 1996, com a banda *Dona Cecília*, cujos músicos eram Marcos Derru (voz e bateria), Afonso Bob Nelson (voz), Leandro Animal (guitarra e voz) e Rogério Cunha (baixo elétrico).

A banda fez inúmeras apresentações no eixo Brasília-Goiânia, sendo uma delas o icônico show beneficente *Rock Roque Rocha*. Em 2014, o grupo se desfez, e Rogério, um colecionador de mais de 2.500 discos de vinil, reinventou-se como DJ.

Aprendeu o ofício de DJ observando as apresentações de outros profissionais do ramo, também estudou na Escola de Música de Brasília, com o professor Osvaldo Amorim. Logo, começou a se apresentar em festas, em eventos e em casas noturnas. Fez várias performances no icônico Gate's Pub, ponto de encontro da juventude, de políticos e de diplomatas, onde bandas de rock e DJs se revezavam levando os embalos do jazz, do blues, do rock e da MPB.

Em seguida, o artista criou o projeto *Sexta Vinil* realizando 22 edições no Galpãozinho do Gama, com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC/DF). Atualmente, está se dedicando à sua banda *Roger Goldman*, criando novas composições, entre elas *Constituição Federal*, às quais farão parte de seu primeiro álbum intitulado *Planalto Central*.



Foto: arquivo pessoal/divulgação



Foto: arquivo pessoal/divulgação



# WAGNER SANTOS

Quando viu uma máquina fotográfica pela primeira vez, o jovem Wagner José Santos ficou “fissurado” na ideia de ter uma. Se via “eternizando” momentos de emoção. Para ele, tirar foto é diferente de fotografar. Assim, se considera um fotógrafo de fato, pois é escolhido para guardar instantes únicos, quando capta a emoção, os olhos brilhando, os sorrisos e as lágrimas de quem é revelado pelas suas lentes. Isso lhe dá paz de espírito e uma sensação de que achou o seu lugar no mundo.

Wagner nasceu no Hospital da Asa Sul de Brasília no dia 29 de agosto de 1976, e, no ano seguinte, foi com sua mãe morar no Gama. É fotógrafo profissional desde 2012. Iniciou a carreira trabalhando na empresa Senna Fotografias, onde aprendeu o ofício e fotografava casamentos, festas de 15 anos, ensaios fotográficos e eventos sociais em geral.

Hoje, tem um portfólio diversificado, incluindo trinta trabalhos na área cultural do Gama, com o registro de shows musicais em bares, eventos teatrais e de dança. Seu extenso acervo fotográfico guarda imagens do *Rock Cerrado* e do *Moto Rock* em suas várias edições, do *Festival de Música Popular do Gama* e da *Mostra Afro-Brasileira*.

Em 2014, o artista realizou a *Exposição Retratadas*, com fotos históricas, durante uma edição do projeto *Estação das Artes da Companhia Lábios da Lua*. Atualmente, Wagner Santos mora em Valparaíso de Goiás e continua seu trabalho de fotógrafo no Gama e também como cuidador de idosos.



Foto: arquivo pessoal/divulgação





# WALTER SARÇA

Tudo que ele toca vira arte. Assim é o inquieto cineasta, artista performático, especialista na arte da colagem e poeta Walter Sarça, formado em Licenciatura Plena em Artes Cênicas pela Faculdade Dulcina de Moraes, e com especialização em Gestão Cultural pelo Senac.

Nasceu e mora no Gama, onde atua desde 1993 como realizador e promotor de encontros culturais, enxergando neles um ponto de confluência entre as diferentes ideias e linguagens artísticas. E, assim, busca abrir portas para que os artistas se encontrem e interajam entre si, fortalecendo o campo das oportunidades das artes em geral.

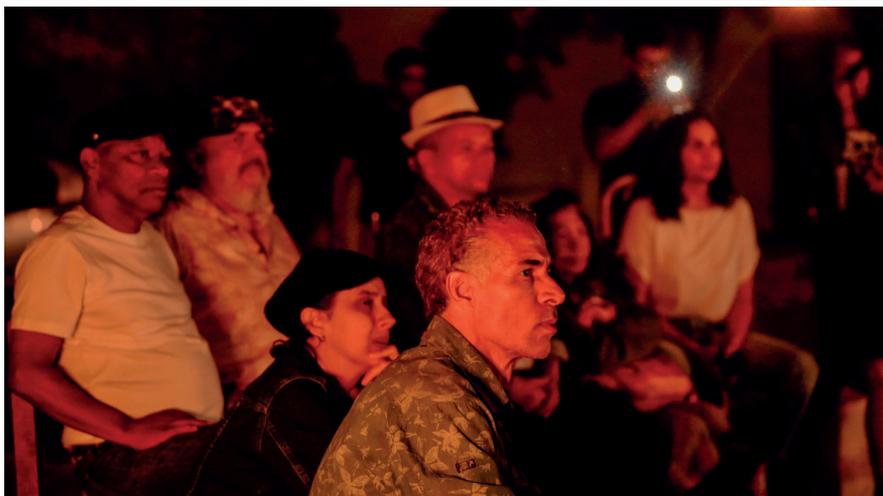
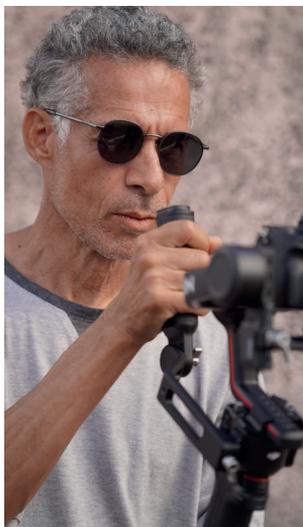
Walter também criou e coordena, no Gama, o criativo *Coletivo Vratia*, que funciona a partir de uma rede colaborativa, cujo lema é “Se faz, aprende; se não faz, não aprende”. Mediante a procura de soluções criativas, empenha-se em efetuar bons negócios que envolvem a arte. Seus participantes são espontâneos e flutuantes e, como um todo, movimentam-se em “bando” ou em “redes” fazendo jus ao significado da palavra *Vratia*: “horda rebelde”.

Sarça produz um cinema rústico e de guerrilha, atuando como diretor cinematográfico, produtor executivo, roteirista, editor e ator. Possui significativa filmografia, tendo lançado os curtas *Itapuã-espaco cultural* (documentário), *Um Outro Infinito*, *Frotografia*, *Pipa*, *Uma Carta para Mim Mesmo*, *O Livro das Horas*, *Meditação sobre a Morte*, *O Espelho de Ébano*, *Espinha de Peixe*, *A História da Terra* e *Cinema do Povo*.

O COLETIVO VRATIA APRESENTA

# O LIVRO DAS HORAS

ROTEIRO, DIREÇÃO & PRODUÇÃO: Walter Sarça  
DIREÇÃO DE ARTE: Leandro Sena DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: Antonina  
Plindim. Com Carlos Eduardo Leal, JessyVon Scheffler,  
Negodai Miranda, Pecé Sanvás, Rêgo Junior & Samuka Barros.  
PRODUÇÃO COLABORATIVA



Fotos: arquivo pessoal/divulgação.



**BANDAS**



**COMPANHIAS**



**ESPAÇOS**



## **BAGAGEM CIA DE BONECOS**

No início dos anos 80, os estudantes do Centro de Ensino Médio do Gama (CEM 2), membros do Grupo de Teatro Trapo, encantaram-se com o teatro de bonecos. Em 5 de abril de 1983, Airton Masciano, Antônio Carlos dos Santos e Adilson Alves fundaram o *Bagagem Cia de Bonecos*, com a estreia da peça *O cachorro do coronel*. A partir de então, passaram a explorar o teatro de animação.

Em 1984, o grupo ganha nova formação com Adriana Guimarães e Narciso Quaresma. A partir de participações no Projeto Plateia e em festivais em Minas Gerais, a companhia começou a ganhar notoriedade. Em 1986, Cristóvão Patrício e Marco Augusto entraram para a trupe e a estética se refinou mais ainda, resultando em prêmios nacionais. Gilderley Menezes e Fernando Fernandes se juntaram como iluminador e produtor, respectivamente.

Também passaram Onildo Junior e Dom Rodrigo, que depois da experiência fundaram seus próprios grupos. Em 2004, após quase duas décadas de sucesso, Marco Augusto sai e funda a Cia Voar. O Bagagem estabeleceu um espaço cultural no Gama e juntou-se a Airton, Leda Carneiro e a Eudes Leão. Em 2013, a trupe recebeu Moção de Louvor da Câmara Legislativa do DF.

A companhia possui caminhão-palco e mantém cinco espetáculos no repertório. Hoje é composto por Alessandra Leão, Arthur Costa, Cristiano Alves, Gabriela Nascimento, Heitor Nascimento, Henrique Costa, Katianne Leão, Loyane Marques, Poliana Alves, Vitor Hugo Silva e Wesley Barbosa, mantendo-se ativa na cena cultural.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação

Bonecos Brasil 87

Franqueado

# Teatro de Bonecos

GRUPO BAGAGEM & CIA DE BONECOS - APRESENTA:

## “O Cachorro do Coronel”

DIAS:	HORÁRIOS:	LOCAIS:
15 Dez. 86	9:00 16,00	CEBEM-OESTE CEBEM-SUL
17 Dez. 86	9:00 16:00	CEBEM-SUL CEBEM-OESTE
18 Dez. 86	9:00 16:00	CEBEM-SUL CEBEM-OESTE
19 Dez. 86	15:00	COMÉIA
20 Dez. 86	9:00 11:00	SENAI Salão Múltiplas Funções

VAMOS ENTRAR EM CENA - SAUDAÇÕES BONEQUEIRAS

ANIMAÇÃO: Aírton & Narciso — PRODUÇÃO: Roberto Severino

———— PATROCÍNIO: ————

## Jota Livraria e Papelaria

Com novo sortimento em presentes de fim  
de Ano - Visite-nos

Q. 24 - Lote 07 - Setor Leste (Antigo Setor Bancário) Gama-DF. - Fone: 556-0783

**APOIO:** FCDF/SC/GDF/ADM. REG. DO GAMA

Assoc. Bras. de Teatro de Bonecos - Núcleo Brasília

Assoc. de Arte e Cult. do GAMA



Bagagem Cia de Bonecos  
30 anos



Bagagem Cia de Bonecos  
30 anos





## BANDA ALARME

Em outubro de 1970 nascia no Gama o fundador da *Banda Alarme*, o músico Valbert Silva Nascimento, conhecido como Walbert Nenén, que cresceu ouvindo rock na loja de discos e de equipamentos de som, de propriedade de seus irmãos mais velhos.

Aos 18 anos, em 1988, resolveu criar um grupo de punk rock, após ouvir as bandas *Cólera*, *Inocentes* e *Ratos de Porão*, da coleção de vinis de um vizinho. Valbert conta que ficou impressionado com o ritmo e a letra da música *Miséria e fome*, do grupo *Inocentes*, tocada de forma simples e clara, com destaque para a realidade mais dura do cotidiano brasileiro.

A partir dali, não teve dúvidas e, inspirado pelo espírito da contestação, criou a *Banda Alarme*, que traz um punk rock crítico, cujas letras abordam temas relevantes como injustiça social e descaso do homem com o meio ambiente, ressaltando sempre o lado mais realista da sociedade.

Hoje, a banda traz em sua formação os músicos Albert Warshall (bateria e backing vocal), Leandro Animal (baixo) e Valbert Nenén (guitarra/vocal). De sua rica discografia surgiram vários sucessos, entre eles as músicas *Realidade*, *Medo*, *Horrores da Guerra*, *Flagelo social* e *Alarme*.

A banda faz parcerias com outros grupos musicais e tem participações em coletâneas de CDs. Produz uma média de 20 a 30 shows por ano na cidade do Gama e em outras localidades do Distrito Federal e do país.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação





## CÁLIDA ESSÊNCIA

A banda de rock *Cálida Essência* foi lançada em 1996 pelo vocalista e guitarrista Sérgio Fonseca, nascido em 1970 no Gama, herdando da mãe, a cantora de MPB Thelma Fonseca, o gosto pela musicalidade. Assim, aos 13 anos, ele começou a estudar canto coral no Sesi do Gama, ao mesmo tempo em que tocava bateria, desenvolvendo as técnicas e a sua criatividade.

Hoje, a banda, formada pelos músicos Wellington Negrão (bateria), Daniel Ulisses (baixo), Ayla Serena (performances e bateria) e Sérgio Fonseca (voz e guitarra), coleciona sucessos. Dividiu palcos com os artistas o Rappa, J Quest, MV Bill, Elba Ramalho e Maria Gadú. E também com a Plebe Rude, Afinis Africae e As Mercenárias.

Os quatro CDs e um DVD gravados renderam mais de 118 mil cópias distribuídas em território nacional, levando o velho rock inspirado no *Led Zeppelin*, *Legião Urbana* e *Ramones*, e impactando plateias com uma obra fonográfica cujos conteúdos e sonoridade também ganharam o respeito da crítica. Uns dos sucessos são as músicas *Colóquios*, *Liberdade*, *o Véu* e *Dias de Tristeza*. A banda chama a atenção também pelo seu engajamento nas questões ambientais e sociais, sensibilizando o público com temas sobre inclusão, diversidade, sustentabilidade e conceitos de acessibilidade.

A relação da banda com o Gama continua forte, até porque quase todos os seus integrantes moram na cidade realizando shows locais, a exemplo das duas edições do *Inclusão Rock Live*.

**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: arquivo pessoal/divulgação

# TAGUA ROCK

## Rocket



**CÁLIDA ESSENCIA**



# CIA PILOMBETAGEM

A *Cia Pilombetagem* é uma das mais tradicionais na área circense teatral, com seus palhaços, teatro de bonecos pernas-de-pau, malabarismo, mágicas, mamulengo e caricaturas. Foi criada em 2004, no Setor Leste do Gama, pelo professor Robson Siqueira, formado em Letras pela Universidade de Brasília (UnB). O nome Pilombetagem é inspirado no artista José André dos Santos (1949-2006), conhecido como Mestre Zezito ou, simplesmente, Palhaço Pilombeta, cuja herança cultural ultrapassou fronteiras.

Antes de ampliar a companhia, Robson andou por várias regiões em um Fusca com nariz de palhaço. Em uma dessas andanças, atropelou um bode e, com tristeza, decidiu retornar e logo convidou os sobrinhos Leonardo Siqueira e Dayane Siqueira para formarem uma trupe. Depois, veio o irmão Henrique Siqueira. Os quatro, todos formados em artes, transformam-se nos palhaços *Canarinho*, *Biliska*, *Peteleco* e *Rabisco*. Eles também desenvolvem oficinas para o público, incentivando o fomento das artes visuais, da música e do teatro do mamulengo.

O espetáculo *Palhaçaria Pilombetagem* é uma das mais antigas produções da companhia. O repertório inclui ainda as peças *Benedito* e *o boi pintadinho*, *Auto de Natal* e várias performances inspiradas em folguedos como o reisado e a folia de reis. A companhia está na lista de grupos do mamulengo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil.



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



Foto: arquivo pessoal/divulgação



# **CIA VOAR**

## **ARTE PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE**

Fundada em 2003 pelo artista Marco Augusto, diretor e bonequeiro, a *Voar Arte Para Infância e Juventude* trabalha com teatro de bonecos, inovação e produção cultural. No ano de 2011, executou o projeto *Voar para Todos*, aprovado pelo FAC/DF, quando a companhia fez ampla pesquisa de acessibilidade do seu repertório, envolvendo tradução para Libras, tateamento prévio de bonecos para deficientes visuais, audiodescrição das peças e ordem de entrada nos teatros. Essa metodologia é aplicada em todos os projetos do grupo.

Em 2012, com nove anos de trabalho, alcançou uma de suas metas, a de ter se apresentado em todos os estados brasileiros, com participações importantes em festivais e em projetos de circulação, ganhando visibilidade e vários prêmios nacionais. Logo, o grupo foi convidado para se apresentar na Espanha, no México e no Chile.

Tem atualmente dez espetáculos em seu repertório. E na lista de criações e produções constam a realização de três edições da *Festa Latina de Bonequeiros e Brincantes de Águas lindas de Goiás*; de oito edições do *Festival de Teatro de Bonecos do Gama (Festineco)*; de cinco edições do *Festival de Teatro para a Infância de Brasília (Festibra)*; e do *Festival Espetaculim*, com quatro edições.

Outros projetos criados pela companhia: o *Ponto de Cultura Rede de Ação do Gama*, fundado em 2006, em parceria com os grupos *Cidade dos Bonecos* e *Titeritar*; e o projeto *Viveiro Cultural*, de oficinas culturais e de meio ambiente para mais de 500 estudantes.

Ao longo de 12 anos de atuação, a *Voar* teve projetos aprovados pelos maiores apoiadores de cultura do país, Secult/ DF, FAC/DF, Petrobras, Funarte, Minc, Caixa, Caesb, Sesc, Sesi e BNB, Banco do Nordeste.





Foto: arquivo pessoal/divulgação



# CINE ITAPUÃ

Durante anos, o *Cine Itapuã* foi o xodó da cidade do Gama. Os moradores tinham orgulho de frequentar o segundo maior cinema do Distrito Federal, só perdendo em tamanho para o Cine Brasília.

Inaugurado em 1960 e tendo sua primeira exibição em 1963, o *Itapuã*, com seus 500 lugares, fez história. Em seu amplo auditório foram apresentados festivais de cinema e mostras competitivas, festivais de música, teatro de bonecos, saraus, shows, encontros comunitários e seminários.

Eram muitas as atividades coletivas desenvolvidas naquele ponto de encontro de uma juventude em ebulição e de movimentos sociais. Foram décadas de exibição de filmes, de realização de eventos variados e de incentivo à produção do audiovisual na região e no Distrito Federal.

Mas, em 2005, o *Cine Itapuã* foi fechado e nunca mais abriu as suas portas. Hoje, o lugar está degradado, com seus equipamentos deteriorados, necessitando urgentemente de revitalização, problemas que são diuturnamente relatados pelos artistas locais.

A comunidade cultural está unida na luta pela reforma e reabertura do espaço, à espera de um sinal positivo em direção à reforma e funcionamento novamente do efervescente cinema. Algumas opiniões e depoimentos de pessoas ligadas à arte, e que acompanham essa história, estão registradas em um documentário do cineasta gamense Walter Sarça, disponível no YouTube no endereço abaixo.



**Assista ao documentário sobre o Cine Itapuã.**



Foto: Acervo histórico do Arquivo Público Mineiro



**A imagem audiovisual e cultural do Gama:** um povo com memória é um povo com identidade



Foto: Agência Brasília/reprodução.

Foto: Administração Regional do Gama



Foto: Ascom/Secec



# ESPAÇO SEMENTE

Ao decidir compartilhar seu conhecimento com a comunidade, o professor Valdeci Moreira de Souza, formado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB), fundou, em 2006, o *Espaço Semente* na cidade do Gama. Ali, são oferecidas aulas e oficinas gratuitas de teatro e de musicalidade.

Em quase duas décadas de funcionamento, vários artistas da comunidade e de outras regiões do Entorno passaram pelo local, ponto de desenvolvimento cultural, com foco na transformação social e de vidas. Valdeci Moreira, em parceria com o professor Ricardo César, mestre em Arte pela UnB, desenvolve, no *Espaço Semente*, a Estética de Terreiro.

De acordo com estimativas, cerca de 15 mil pessoas já participaram de alguma atividade desenvolvida pela instituição, sendo que mais de trezentas receberam formação em iniciação artística. Os resultados são visíveis. Nos últimos anos, conforme constata o professor Valdeci, vários estudantes do projeto foram aprovados na UnB em cursos de Artes Cênicas, Letras, Teoria Crítica e História da Arte, Direito, Psicologia, e alguns já fazem mestrado e doutorado, inspirados pelo *Espaço Semente*.

Valdeci Moreira é também professor da Secretaria de Educação do DF, ator e diretor teatral. Possui mestrado em Artes pelo programa Profartes da Universidade de Brasília e é doutor em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina, por meio do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC).



Foto: arquivo pessoal/divulgação

ente  
e teatro

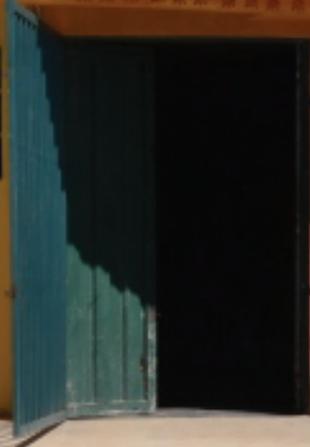




Foto: arquivo pessoal/divulgação



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



# GRITO PERIFÉRICO

O grupo de rap *Grito Periférico* foi criado em 2018 pelo músico Leonardo Corrêa, filho da atriz e audiodescritora Lúcia Corrêa, de quem herdou a inspiração e o talento artístico. Ele observa que o nome do grupo já diz a que veio: para ser a voz da comunidade, com poder de protesto, denúncia e informação. Nascido no Gama em março de 1988, Leonardo é também produtor cultural, possuindo vídeos e clipes autorais e independentes.

Após ter participado do projeto *Educamar*, da Favela de Santa Luzia, na Estrutural, com apresentações de rap, passou a ser convidado para integrar-se a outros eventos, como o projeto *Papo Franco*, da Unidade de Atendimento em Meio Aberto do Gama (Uama), entidade que atende jovens e adolescentes entre 12 e 21 anos em cumprimento de medidas socioeducativas.

Em 2020, representando o *Grito Periférico*, compôs, produziu e interpretou o clipe *Foco, Força e Fé*. Também participou do *Projeto Carreta Cultural*, desenvolvido para músicos e bandas, por meio de votação online, quando foi classificado para fazer três produções musicais na seletiva do Gama/DF. Leonardo costuma se apresentar com os amigos músicos Zulu da Boa Vista e Miague Rmc's.

O rapper atuou como produtor cultural e como cantor nos eventos *Sarau Semeando*, *Arte do Espaço*, *Artistas do Gama contra o Câncer*, *Sábado Cultural Favela Santa Luzia* e o *Aniversário do Rap na Ativa*.





Foto: arquivo pessoal/divulgação



# MENDIGOS DE GRAVATA

A *Companhia de Teatro Mendigos de Gravata*, do Coletivo Multicultural, localizada no Setor Norte do Gama, foi criada em 1994 pelo ator e produtor cultural Ricardo Pindura e mais sete amigos, com a estreia da peça *Ev'adão*. Seu objetivo é expandir e divulgar as artes, contribuindo para a valorização dos artistas locais, os quais estão comprometidos em democratizar o acesso à cultura, com a oferta de serviços para a criação, desenvolvimento e propagação de modalidades artísticas como teatro, dança, música, pintura, artesanato, circo e cinema.

A companhia desenvolve oficinas de iniciação teatral e promove ações voltadas para o social, todas elas baseadas na arte como instrumento de educação; ao mesmo tempo em que incentiva as manifestações culturais do Gama e das artes brasileiras, tornando-se referência regional na oferta de lazer e de entretenimento aos moradores das cidades-satélites do DF.

Alguns destaques do coletivo são os projetos *Zequinha e Sua Turma*, do teatro de bonecos e do circo; *Teatro Reciclável*, referente aos cuidados com o meio ambiente; e *Droga Fora de Cena*, de combate ao uso de drogas.

Por meio do Coletivo Multicultural, Kátia Verônica e Anderson Ananias, integrantes do grupo, já levaram ao público diversos espetáculos, entre eles *Os palhaços vendedores de chapéus*, *Os três piratas*, *Zequinha e os palhaços*, *O Natal do menino pobre*, *Prometeu* e *Depois do Carnaval*.







Foto: arquivo pessoal/divulgação



Fotos: arquivo pessoal/divulgação



**OPINIÕES**

# O Gama e a cultura

Em 2024, o Gama completou 64 anos de uma história construída ao longo de décadas, com a participação de todas as pessoas que já viveram e vivem por aqui. Nós somos a consequência viva do passado dessa cidade, e a causa do futuro que ela será para a posteridade.

O vínculo entre passado, presente e futuro de uma comunidade é um aspecto essencial de sua identidade, possibilitando que indivíduos compartilhem peculiaridades em comum, uma espécie de identidade coletiva, que muitas vezes se manifesta no bairrismo, que é sempre lembrado quando o assunto é o Gama.

O Gama possui uma identidade que se manifesta principalmente no orgulho e amor de seus moradores. Temos uma cor que nos identifica, um time de futebol, uma escola de samba, uma história, espaços culturais perdidos, artistas que nasceram, vivem, viveram e morreram aqui mesmo.

Somos a cidade do tradicional *Festival de Música Popular do Gama*, do *Rock n'roll ecológico do Festival Rock Cerrado*, um polo tradicional do teatro de bonecos do DF representado pelo *Voar* e pelo *Bagagem*, um lugar que da década de 80 para cá teve mais de 30 grupos de teatro.

Uma cidade que hoje tem uma vida cultural ativa, defasada no que diz respeito aos equipamentos públicos de cultura, mas que resiste contra

## Juan Richelly

Com 33 anos, é advogado, músico, poeta e cronista gamense. Também é líder comunitário com forte atuação nos segmentos cultural e ambiental de sua cidade. Acredita que a arte transforma as almas que toca e que a Terra é viva.



tudo e contra todos, onde músicos de todos os gêneros tocam nos bares e restaurantes de segunda a segunda.

Os poetas proferem seus versos nas praças e ruas como profetas do porvir, os produtores culturais seguem produzindo contra todas as adversidades de uma forma quase que guerrilheira. Nesse ponto saúdo aqui a *Cia. Lábios da Lua*, e o teatro que segue vivo por meio do *Espaço Semente* com a sua estética afrobrasileira, periférica e de terreiro.

Aqui floresceu a *Academia Gamense de Letras*, nascida com o propósito de aglutinar e fortalecer os artífices das palavras que aqui vivem e captam a inspiração que necessitam para criar sua literatura.

Temos uma alma profundamente gamense, que se destaca no conjunto do caldeirão cultural de Brasília, que de certa forma é a síntese do nosso país, e, diante disso, podemos dizer: o Gama é cultura!

Já estive em cidades maiores e menores, mais ricas, mais pobres e mais conhecidas! Até mesmo em cidades mais belas já estive. Mas nenhuma delas era o meu lar, nenhuma delas era a minha casa, nenhuma delas tinha o mesmo ar, nenhuma delas era o Gama! A cidade de quem ama, a cidade que eu amo, a cidade que me ama!

# O Cine Itapuã e a grande descoberta

Quando eu era criança, ouvia, na conversa da vizinhança, murmúrios sobre o cinema; não apenas sobre filmes, mas sobre o cinema mesmo, sobre a experiência coletiva de ver um filme. Eu ficava tentado a descobrir o que era um cinema e porque falavam dele com tanto fascínio. Um certo dia, finalmente, me levaram. Era Semana Santa e os filmes religiosos eram pra todas as idades. Meteram-me numa roupinha de domingo, meti-me nas minhas congas novas e fui. E foi essa a experiência mais fascinante de toda a minha vida. O lugar era enorme, o teto altíssimo e as cadeiras, com forro de couro azul, eram bonitas e confortáveis. Nos sentamos.

De repente, apagaram-se as luzes e a sala mergulhou numa silenciosa escuridão. Assustado, olhei para trás e vi, de uma pequena abertura no alto, quando um feixe de luz rasgou o negrume. Seu brilho forte resvalou sobre nossas cabeças e se esparramou na parede branca à nossa frente. E, então, a mágica aconteceu. Acostumado com a tevê de vinte polegadas, assustei-me com o gigantismo daquelas imagens. O som era magnífico.

O filme era o clássico espanhol *Marcelino pão e vinho*, filmado em '55 e dirigido por Ladislao Vajda. A película contava a história de um garotinho órfão que fora adotado por doze frades franciscanos e que descobrira, no sótão do mosteiro, o Cristo crucificado. Com pena daquele esqualido infeliz, Marcelino decide alimentá-lo com pão e vinho. E, assim, ele dá vida à estátua.

## Lelé Teles

*É jornalista, publicitário, escritor, dramaturgo e colunista em vários sites. Nasceu no Gama, onde viveu até os 20 anos. Formado em Letras/Espanhol pela UnB. Tem mestrado em Cinema e Narrativas Sociais pela Universidade Federal de Sergipe.*



Em seguida, convence Jesus a deixá-lo ver a mãe, que já morrerá. Como um gênio de lâmpadas, o mestre atende ao pedido do garoto, botando-o para dormir. E Marcelino nunca mais acorda. Lembro-me de ter chorado e de ter ficado puto com Cristo que, a rigor, matou o menino que o havia ressuscitado.

No ano seguinte, eu tinha onze anos e fui ver o filme *Pixote*, de Hector Babenco. Ao contrário de *Marcelino*, *Pixote* tinha a minha idade e se parecia muito comigo. Era um molecote de nariz sujo, de quebrada, cria de encruzilhada. Não fora mimado por frades, não se encontrara com Cristo e vivia no inferno. Comeu o pão que o diabo amassou. Apesar de tudo, tinha um coração bom, sorria o riso puro de uma criança e amava viver a vida. Babenco humanizou aquele pequeno trapo humano, como quem ressuscita uma estátua.

Sem dúvidas, o Cine Itapuã criou em mim o fascínio pelas salas de cinema. Porém, foi *Pixote* quem me fez amar o cinema. Porque não era mais uma questão de ver a tela, mas de se ver nela. Palavra da salvação.

# Arte e urbanização

Quando falo em arte, refiro-me, basicamente, à minha área: as artes plásticas, às quais reúnem um conjunto de expressões artísticas, entre elas a pintura, a arquitetura e a escultura. No meu caso, sou pintor, arquiteto, jornalista ilustrador e desenhista, com um acervo de coleções de quadros, de ilustrações, de charges e de cartuns e pinturas.

No Gama moram excelentes artistas plásticos, porém não temos, e isso se estende a todo o Brasil, a pintura como um movimento que identifique culturalmente o país, a exemplo da música, do cinema e da literatura.

Como arquiteto, digo que o Gama é uma cidade que precisa de uma intervenção urbana, com estudos técnicos que visem promover o ordenamento e a reestruturação urbana em suas

## *Rock Lane*

*Arquiteto, urbanista, pintor, desenhista e autodidata, sendo premiado no Brasil e no exterior em várias categorias.*



áreas subutilizadas, às quais contém um enorme potencial de transformação de toda a região administrativa.

Vejamos o exemplo da Prainha. Se houvesse investimento que resgatasse aquele espaço para a população, teríamos um ponto turístico e de lazer, com geração de empregos e de renda na cidade, proporcionando maior qualidade de vida aos habitantes.

Tudo poderia ser feito a partir de um diagnóstico das áreas subutilizadas, objeto das diretrizes da referida intervenção, com a caracterização dos seus aspectos socioterritoriais e ambientais, inseridos dentro de um modo de gestão democrática. Com essas estratégias, elaboradas dentro de parâmetros urbanísticos, os gamenses, com certeza, ganhariam um incremento em seu bem-estar como um todo.

# Arte, palavra-chave

A cidade do Gama não possui uma tradição cinematográfica forte. Disputamos com Taguatinga, Planaltina e Sobradinho o Polo de Cinema de Brasília, o qual acabou no Riacho Fundo e depois em Sobradinho, mas no decorrer dos anos ficou praticamente esquecido. A maior parte das produções acontecem nas cidades-satélites, no Plano Piloto e na UnB. No Gama, vemos produções de baixo custo, realizadas por poucos artistas e cineastas. Embora o advento do cinema digital tenha facilitado a produção de audiovisual, a cidade ainda carece de salas de cinemas, de cineclubes, de escolas e oficinas destinadas a movimentar o setor.

Alguns jovens estão ativos em espaços culturais, como na *Cia Lábios da Lua* e no *Espaço Semente*, e também em grupos como o *Pólvora* e o *Coletivo Vratia*. Mas não há uma produção consistente envolvendo criação, produção, realização, exibição e compartilhamento de

## Walter Sarça

*Produz, promove cultura e negócios criativos. Pesquisa temas sobre imaginário, criatividade, cinema e artes em geral. Faz filmes, colagens e textos, além de realizar encontros e oficinas de arte*



conteúdo em quantidade e qualidade suficientes para despertar novas gerações. As atividades culturais se resumem aos saraus, às músicas de bares, às rodas de poesia e às esparsas peças de teatro. Um ou outro desses espaços e movimentos realiza mostras eventuais em uma sala não apropriada, onde podemos apreciar as produções.

Em minha jornada, fiz dez curtas, incluindo os filmes *Cinema do Povo*; *A História da Terra*, um documentário sobre as raízes ancestrais do Gama; e, ainda, *O Espelho de Ébano*, *Espinha de Peixe* e *O Livro das Horas*. Antes de fazer cinema, desenvolvi outras linguagens, entre elas a arte da colagem, e a literatura, com o romance *O Bailado das Traças*. Participo de performances, saraus e eventos punks e góticos. Trabalho para formar grupos de estudo e produção cinematográfica para fomentar a cultura local e realizar novos conteúdos de melhor qualidade.



**MAIS UMAS  
PALAVRAS**

## Os fazedores de cultura

O Gama segue sendo terra fértil para o surgimento de novos talentos das artes em geral. Este livro/catálogo mostra que a cidade é um celeiro de grupos artísticos e de artistas inspirados na tradição dos movimentos culturais ativistas, os quais têm contribuído para que tenhamos viva a memória que fortalece a identidade de uma comunidade pacífica, amistosa e apaixonada pelo que faz.

Fazer arte no Gama sempre foi desafiante, mas, em todas as épocas, surgiram luminares que tornaram nossa caminhada menos árdua. Foi o caso do agitador e teatrólogo Márcio Vieites, pessoa que me motivou a lutar pelo desenvolvimento cultural da região. Ele que criou o *Festival de Música Popular do Gama* e realizou diversas produções. Deixo aqui, portanto, meu respeito e homenagem a Márcio Vieites, aos amigos Carlinhos Piauí e Ariomar Nogueira e a tantos outros pioneiros cujas trajetórias são admiráveis.

## *João Breyer Jr.*

*Idealizador e organizador deste projeto. É teólogo, filósofo, professor, produtor cultural, jornalista, escritor e ativista.*



Lanço esta obra com esperança de que o Gama continue a florescer em turismo, cultura, qualidade de vida e proteção ambiental. Que possamos, com o nosso legado, servir de exemplo para outras cidades e novas gerações.

A nossa memória mostra quem somos, de onde viemos e assim podemos entender para onde vamos ou para onde poderemos ir. O Gama é um celeiro de amor. O Movimento Cultural do Gama é, foi e sempre será vivo, ativo e reativo.

*Dedico este livro/catálogo à minha mãe Núbia Alves, ao meu pai João Breyer e aos meus irmãos Otto e Patrícia Breyer.*



Pôr do sol no Parque Ecológico do Gama. Foto: @retratos\_da\_rafiula



**Fontes** 8 e Proxima Nova

**Papel** Couchê 115g/m<sup>2</sup>